

BOM APROVISIONAMENTO NÃO É TUDO

2/3/82

por Mariamo Adamo (texto)

e Isidro Pascoal (fotos)

O CAIL iniciou a presente Campanha com bom aprovisionamento em materiais de produção. Uma vez que logo no início havia tractores, alfalhas, autocombinadas e outras máquinas em quantidade suficiente para garantir a lavoura e a ceifa ficou-se com a falsa ideia de que com a maquinaria adquirida o resto (o resultado da Campanha) era fácil.

Esqueceu-se do elemento fundamental na produção, o homem. A experiência tem demonstrado que não basta haver óptimo aproveitamento de instrumentos de produção para que o sucesso esteja garantido. O factor determinante é o homem que com esses instrumentos vai trabalhar. O segredo está precisamente na preparação que esse elemento reúne para manejar esses mesmos meios.

Há métodos de trabalho incorrectos. Limita-se apenas a mandar executar mas não existe um processo de controle das tarefas que se atribuem. Houve uma certa passividade por parte dos responsáveis em zelar pelo tratamento eficaz dos instrumentos de produção. Por outro lado, regista-se a impreparação dos trabalhadores para lidar com a maquinaria sofisticada como é aquela que hoje existe no CAIL, aliada à falta de tradição por parte deles em tratar devidamente os seus instrumentos de trabalho.

Estes são alguns dos problemas que estão na origem da situação que se vive no CAIL particularmente em relação ao tratamento da maquinaria, apontados pelo responsável daquele importante Complexo do País.

«Quer nós os responsáveis do Complexo, quer os próprios técnicos estrangeiros que aqui connosco trabalham manifestamos uma certa passividade no controle do trabalho que aqui se desenvolve. Todos sabem que é necessário organizar, é preciso limpar e tratar devidamente os meios de produção para que a sua vida seja mais prolongada, mas houve um certo desleixo — disse Jorge Tembe, Director do CAIL.

A atitude que se estava a ter para com a maquinaria naquela unidade de produção era de facto um exemplo de destruição de divisas. Não era possível daquela maneira prever quantas campanhas é que cada autocombinada ou tractor poderia fazer, controlar este que na Bulgária, por exemplo, é feito constantemente, tal como

referiu Zeatl Zeatev, um engenheiro mecânico búlgaro que se encontra a trabalhar no parque de Xilembene.

Conforme referiu aquele cooperante búlgaro, a questão fundamental está na falta de preparação do homem que pega nas máquinas. Ele não foi

sear um tractor ou uma autocombinada deu-lhes o direito de pegar nestas máquinas e começarem a trabalhar.

Contudo, o interior da máquina e as suas exigências são lhes desconhecidos. Se surge ou não deficiência



O elemento fundamental é o homem que maneja as máquinas

instruído sobre o valor daqueles instrumentos.

ISTO PARECE QUE NÃO TEM DONO

A maior parte dos trabalhadores são filhos de camponeses. Antes limitavam-se a apoiar os seus pais no trabalho da pequena machamba familiar. A primeira vez que conheceram o trabalho de um tractor foi no CAIL e o facto de terem sido dotados de conhecimentos mínimos para manu-

durante o trabalho, ele não tem capacidade para descobrir, pois o que interessa é que a máquina não pare e lave ou ceife até que ele conclua o seu período de trabalho. O resto não interessa. Sabe somente pegar no óleo e besuntá-la, quando se lhe obriga a fazer tal.

Uma minoria muito pequena é que trabalhava antes com tractores que eram do patrão que tinha machambas no colonato do Limpopo ou ainda do sul-africano que o empregou na sua

farma quando foi à África do Sul à procura de trabalhar nas minas.

«Eu trabalhava como tractorista do colonato no tempo colonial estava aqui no Chókwa. Como não trabalhava aos fins-de-semana, todos os sábados pegava no tractor, lavava e lubrificava para que na segunda-feira a máquina estivesse em condições de operar — estas foram palavras de Francisco Ngovene, um dos tractoristas do CAIL. Este era o mesmo método utilizado pelo fazendeiro sul-africano, tal como nos disse um trabalhador.

Francisco Ngovene contou-nos que fazia aquilo porque o colono o obrigava a tal, pois ele não podia regressar para casa sem que tivesse concluído esse trabalho. «Aqui o sistema de trabalho é diferente, por isso é que nós só fazemos aquilo que nos mandam fazer» — acrescentou.

Sobre este método de trabalho, registamos as palavras de António Ribeiro, um outro trabalhador que disse «aquí as coisas parecem que não têm dono. Não há a preocupação de se exigir que isto ou aquilo esteja nestes ou naquelas condições. Como não nos responsabilizam nós limitamo-nos a fazer aquilo nos mandam».

Para além da falta de controle por parte dos responsáveis e da impreparação dos trabalhadores, para lidar com a maquinaria, há a registar a utilização intensiva dos tractores, como factor que contribui para a deterioração do equipamento agrícola.

BAIXO NÍVEL DE COMPREENSÃO

O baixo nível profissional da maior parte dos trabalhadores que hoje se encontra no parque de máquinas do CAIL, ainda à falta de tradição de tratar devidamente o que é valioso é um problema sério e com grande peso na deterioração dos meios materiais de produção.

«É verdade que não há grande interesse dos trabalhadores na realização das suas actividades. Eles fazem a manutenção porque são obrigados. Chega a haver casos em que um trabalhador besunta a máquina por fora só para mostrar que faz o trabalho mas, na verdade, o trabalho por dentro é imperfeito» — disse ainda Jorge Tembe.